



Jornalismo Ambiental teoria e prática

Organização

Ilza Maria Tourinho Girardi, Cláudia Herte de Moraes,
Eloisa Beling Loose e Roberto Villar Belmonte

Jornalismo Ambiental: teoria e prática

organização:

Ilza Maria Tourinho Girardi

Cláudia Herte de Moraes

Eloisa Beling Loose

Roberto Villar Belmonte



metamorfose

Conselho Editorial da Coleção Metamorfose Acadêmica

Dr. Alexander Goulart (PUCRS), Dr. Ítalo Ogliari (ULBRA), Ms. Lucas de Melo Bonez (Uniasselvi), Dr. Marcelo Spalding (Metamorfose), Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS), Ms. William Boenavides (IFSul)

Revisão | Kátia Regina Souza

Diagramação | yoyo ateliê gráfico

Fotografia da capa | Débora Gallas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J82 Jornalismo ambiental: teoria e prática [livro eletrônico] / organizado por Ilza Maria Tourinho Girardi ... [et al.] – Dados eletrônicos – Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

175 p. – (Coleção Metamorfose Acadêmica Digital) – Modo de acesso: <<https://jornalismoemioambiente.com/e-book/>> – ISBN: 978-85-53074-20-4

1. Jornalismo ambiental I. Girardi, Ilza Maria Tourinho, org. II. Moraes, Cláudia Herte de, org. III. Loose, Eloisa Beling, org IV. Belmonte, Roberto Villar, org.

CDD 070

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso – CRB10/1099

Todos os direitos desta edição reservados ao autor
www.editorametamorfose.com.br

UM SEMESTRE MUITO ESPECIAL: O SURGIMENTO DA PRIMEIRA DISCIPLINA DE JORNALISMO AMBIENTAL

Ilza Maria Tourinho Girardi

ilza.girardi@ufrgs.br.

Professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS).

O título não é original, pois já foi usado no texto que escrevi para a *Revista Oca* para relatar a primeira experiência em Jornalismo Ambiental no Curso de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele guarda a emoção vivida durante um período intenso de estudos e discussões. Era um momento de muita efervescência política, pois respirávamos o Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre em suas três primeiras edições. Acreditávamos que “um outro mundo era possível” e que a relação cuidadosa com o meio ambiente fazia parte dessa transformação.

A experiência ocorreu em 2003, quando a disciplina foi aprovada pela Comissão de Graduação em Comunicação para ser iniciada em 2004. Como estávamos com muita vontade de fazer Jornalismo Ambiental, aceitei a sugestão de dois estudantes, meus bolsistas de iniciação científica, Gisele Neuls e Mauricio Boff, que reuniram colegas interessados. Não foi difícil. Assim,

nossa experiência ocorreu dentro de outra disciplina, Laboratório de Pesquisa.

E como surgiu essa demanda? No final dos anos 1980, as atenções do mundo se voltavam para a realização da Rio-92. De maneira a preparar os jornalistas para a cobertura do grande evento, foi realizado em Brasília um Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) entre 27 e 30 de novembro de 1989. Um dos resultados do encontro foi a recomendação para a criação de núcleos de Jornalismo Ambiental nos estados, visando ao estímulo da discussão sobre a qualificação dos profissionais para a cobertura da Rio-92. Criaram-se núcleos em alguns estados, mas o do Rio Grande do Sul, Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul – NEJ-RS, foi o único que prosperou e está em ação até a atualidade. Desde sua criação, o NEJ-RS teve como principal bandeira conquistar os jornalistas para a causa ambiental e qualificar a cobertura nessa temática. Entre suas conquistas para esse fim, destacam-se a organização de cursos e seminários em parceria com a FABICO/UFRGS e o Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, e a criação da *Terça Ecológica*, uma atividade aberta ao público que traz convidados para discutir temas importantes relacionados às questões socioambientais.

O NEJ-RS passou a defender a necessidade da criação da disciplina de Jornalismo Ambiental como o meio mais eficaz para a formação. Em seu nome, defendi a implementação da disciplina no I Fórum Interamericano de Jornalismo Ambiental, realizado em Porto Alegre em 2000, e no Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, ocorrido também em Porto Alegre, mas em 2002. Em 2003 é inaugurada a EcoAgência, durante o III Fórum Social Mundial, pois os associados do NEJ-RS e colaboradores entendiam que era preciso aperfeiçoar a cobertura ambiental no fórum, que desde sua primeira edição pautava os problemas ambientais. No meio dessa euforia, a notícia da criação da disciplina pela Comissão de Graduação do Curso de Comunicação

da FABICO foi um presente para todos. Imaginávamos que logo outras faculdades também introduziriam em seus currículos a disciplina.

O desafio seguinte foi a elaboração do programa da disciplina. Deveríamos organizar os tópicos de modo que os estudantes percebessem a importância dos cuidados com o meio ambiente para a vida no Planeta. Para fazer isso, comecei a pensar como foi meu próprio processo de alfabetização ecológica. Já que comigo deu certo, poderia ser um bom início. Era necessário fazer a primeira experiência, observar o engajamento dos estudantes, avaliar os resultados e fazer correções ao longo do processo. Assim ocorreu. Conte com minha vivência no movimento ecológico, em especial na luta contra os agrotóxicos e para a construção da agricultura orgânica, com as leituras realizadas para a elaboração da tese de doutorado, com as atividades desenvolvidas em busca do autoconhecimento, com a militância no NEJ-RS e com a experiência em projetos de educação ambiental voltados a professores, cujo fio condutor era a expressão através das artes. Com certo receio, resolvi ousar e, na primeira aula, convidei os estudantes para dançar. Com maestria, a professora Cintia Miró abriu nossos corações e mentes, através das danças circulares, para sentirmos a natureza como um espaço sagrado e adquirirmos consciência de que fazemos parte do todo e de que o todo está em nós. Fomos tocados pela vivência e alegria, as quais nos acompanharam ao longo do semestre.

Primeiras conexões

Através de danças indígenas e de antigas tradições, iniciamos as primeiras conexões para nos abriremos àquilo que José Lutzenberger denominava “a grande sinfonia do universo”. Para que os estudantes chegassem a essa compreensão, a disciplina foi desenvolvida com atividades vivenciais, leituras, reflexões, análise de notícias e reportagens, palestras e saída de campo. A

aula sobre os paradigmas do conhecimento, com a Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen, permitiu um olhar abrangente sobre os paradigmas cartesiano, sistêmico e complexo, despertando a curiosidade para leituras como *As Conexões Ocultas*, de Fritjof Capra; *A Cortina de Fumaça*, de Phillippe Pomer Layrargues; *A Cabeça Bem-feita*, de Edgar Morin; *Biotecnologia: muito além da Revolução Verde – desafio ou desastre*, de Henk Hobbelling; *Saber Cuidar*, de Leonardo Boff, e outras mais. Essas foram algumas escolhas, entre diversas possíveis, para que os futuros jornalistas compreendessem que os problemas ambientais enfrentados são o resultado de uma opção de desenvolvimento baseada num tipo de pensamento que considera que a natureza pode ser controlada e que as tecnologias sempre são benéficas.

Ao ler *Biotecnologia: muito além da Revolução Verde*, os estudantes perceberam que, sob o argumento de que “precisamos aumentar a produção de alimentos para salvar o mundo de morrer de fome”, ocorreu, na realidade, concentração de renda e de terra, envenenamento dos ecossistemas, e aumento de poder das multinacionais produtoras de venenos e fertilizantes, as quais logo passaram a uma nova forma de controle através da biotecnologia. O livro permitiu fazer conexões com outros problemas ambientais resultantes de opções tecnológicas questionáveis, sendo enriquecido com as palestras dos engenheiros agrônomos Jacques Saldanha e Sebastião Pinheiro.

Com Leonardo Boff, aprendemos a importância da ética do cuidado, que implica o cuidado com o próximo, com os animais, com a Terra e consigo. As leituras de Capra e Morin contribuíram para pensar sobre alguns requisitos que o Jornalismo Ambiental deve incorporar para contemplar as visões sistêmica e complexa, fundamentais na pauta ambiental. Tal reflexão foi aprofundada com as palestras de jornalistas do NEJ-RS, como Juarez Tosi e Roberto Villar Belmonte, que mostraram o processo da construção da pauta ambiental. Entre os convidados, o Prof. Celso Aquino Marques nos falou da visão budista da natureza, e o engenheiro

agrônomo caingangue Júlio Cesar Inácio relatou as vicissitudes de seu povo e dos demais povos indígenas no Brasil. Os estudantes fizeram o exercício da entrevista coletiva com o engenheiro florestal do Ibama, Luiz Fernando Barrios, que complementou as informações colhidas durante a visita ao Parque Nacional dos Aparados da Serra, especialmente escolhido para a atividade de campo.

Essa atividade foi um dos pontos altos do semestre, pois permitiu relacionar as leituras com o que observamos naquele dia intenso. Os estudantes puderam perceber as interações e influências mútuas dos diversos elementos que fazem parte da biodiversidade do parque, e que o tratamento jornalístico das informações exige um olhar mais abrangente e transversal, sob pena de deixar escapar detalhes importantes da teia de relações integrantes de um determinado ecossistema. A beleza do parque penetrou nas nossas almas e meus alunos resolveram repetir uma das danças aprendidas no primeiro dia de aula. A experiência foi concluída com a elaboração coletiva da *Revista Oca*, nome escolhido pelo seu significado, casa, e para homenagear os povos indígenas que ainda hoje enfrentam a fúria daqueles que se acham os donos da terra.

Nos semestres seguintes, a revista se transformou num blog e, mais adiante, outros blogs foram produzidos. Eu entendia que a disciplina deveria ser obrigatória para capacitar os futuros profissionais a fazerem reportagens bem elaboradas, pois, na perspectiva dos ecojornalistas, a centralidade do meio ambiente precisa ser assumida. Com a mudança do currículo do Curso de Jornalismo, a disciplina continuou eletiva e passou a chamar-se Jornalismo e Meio Ambiente. A criação da linha de pesquisa em Jornalismo e Processos Editoriais no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da UFRGS permitiu que eu inaugurasse e começasse a ministrar a disciplina Jornalismo e Meio Ambiente também para pós-graduandos. Com incremento da produção acadêmica, o PPGCOM tornou-se um polo de produção de pesquisas na área de Jornalismo

Ambiental no Brasil. Nessas alturas, já havia alguma produção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) com temáticas ambientais relacionadas à Comunicação e ao Jornalismo. Até hoje, a presença de professores interessados em meio ambiente atrai alunos que desejam fazer investigações na área e, pela minha experiência, isso também estimula a busca dos estudantes pela temática.

Em 2007, na organização do II Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, realizado pelo NEJ-RS, em Porto Alegre, com o apoio da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental e da UFRGS, abrimos espaço para a I Mostra Científica em Jornalismo Ambiental, que contou com a apresentação de muitos artigos – o que já mostrava a atenção dos pesquisadores, e muitos de iniciação científica, ao tema. Os trabalhos analisavam a cobertura jornalística sobre agrotóxicos, transgênicos, plantio de eucaliptos, entre tantos outros. Em 2008, registrei o Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS); desde então, a produção de seus integrantes tem se intensificado.

O conceito de Jornalismo Ambiental

Ao longo dos anos, ao examinarmos as reportagens sobre meio ambiente, começamos a observar dois tipos de cobertura, pelo menos: uma feita por jornalistas que demonstram conhecimento quanto ao tema e engajamento na defesa do meio ambiente, e outra feita por jornalistas que tratam o assunto de maneira mais fria ou burocrática, sem envolvimento.

Desde a criação do NEJ-RS, já entendíamos que o Jornalismo Ambiental tem sua dimensão educativa, por isso a ênfase na formação do jornalista e o foco nos cursos de extensão e seminários. Uma reportagem que trata a monocultura de eucaliptos como floresta, o uso de “defensivos agrícolas” (em vez de venenos) como uma necessidade para a produção de alimentos, ou a extinção de determinado peixe em um rio como algo sem

importância, presta um desserviço para a educação ambiental do público. Com esses exemplos, queremos destacar a importância da formação e a nossa busca por um conceito de Jornalismo Ambiental que pudesse ser orientador da prática. Uma das aproximações que mais nos impactou foi a do jornalista uruguaio Victor Bacchetta:

O jornalismo ambiental considera os efeitos da atividade humana, desde a ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Deve contribuir, portanto, para a difusão de temas complexos e para a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária (BACCHETTA, 2000, p. 18, tradução nossa).

É um conceito abrangente, permitindo-nos chegar a essa tipologia de Jornalismo que trata de temas ambientais e que certamente vai ser aperfeiçoada conforme os estudos avançam. Foi necessário cruzar o conhecimento sobre Jornalismo com as leituras de Capra, como *Conexões ocultas*, *O Ponto de Mutação e Teia da Vida*, de Morin, como *A Cabeça Bem-feita e Terra Pátria*, de Enrique Leff, como *Saber Ambiental*, e de Nancy Mangabeira Unger, com a obra *O Encantamento do Humano: ecologia e espiritualidade*, entre outros autores que contribuíram com uma perspectiva mais filosófica e com nossa alfabetização ecológica.

Elementos do Jornalismo Cívico e do Jornalismo Literário também colaboraram com o conceito de Jornalismo Ambiental. Assim, para que uma reportagem seja considerada Jornalismo Ambiental deve apresentar algumas das seguintes características: mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a

vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador. Tais aspectos também podem ser contemplados ao longo de uma série de reportagens.

Tendo identificado o Jornalismo Ambiental e o Jornalismo sobre meio ambiente, o Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS) realizou um estudo sobre o Estado da Arte da Pesquisa em Jornalismo Ambiental e Jornalismo de Meio Ambiente no Brasil, com o objetivo de apresentar um panorama das dissertações e teses que fazem o cruzamento de Jornalismo com meio ambiente, desenvolvidas nos cursos de pós-graduação do Brasil e cadastradas no Banco de Teses da Capes de 1987 a 2010.

A metodologia do estudo compreendeu análise descritiva das pesquisas, com abordagem qualitativa, partindo da identificação dos temas, dos problemas de pesquisa, da hipótese, das referências teórico-metodológicas, dos objetos empíricos, da bibliografia utilizada e a da conceituação de Jornalismo Ambiental. Com a análise quantitativa, foram elaborados percentuais e gráficos. No total, analisaram-se 101 pesquisas, sendo 8 de doutorado, 90 de mestrado acadêmico e 3 de mestrado profissional.

Os resultados apontaram que poucos trabalhos conceituam o Jornalismo Ambiental, mas as pesquisas conectam o Jornalismo Ambiental ou sobre meio ambiente com o interesse público e a construção da cidadania. Também percebemos que a maioria dos trabalhos não faz a distinção entre Jornalismo Ambiental e o de meio ambiente, mas todos se referem à função educativa do Jornalismo, o que já é um avanço.

Em outra pesquisa, buscamos compreender a concepção dos jornalistas que fazem a cobertura de meio ambiente na América Latina, no Caribe, em Portugal, na Espanha e nos países africanos de língua portuguesa a respeito do Jornalismo Ambiental. Os sujeitos foram contatados através da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, da Rede da América Latina e Caribe de Comunicadores Ambientais, da Associação de Jornalistas de

Informação Ambiental (Espanha) e do Instituto de Comunicação Social (Moçambique). Apesar dos esforços, não obtivemos a participação de jornalistas portugueses e nem de outros países africanos de língua portuguesa.

Os questionários foram acessados no *site* do grupo de pesquisa. Ao todo, responderam: dezenove do Brasil, um da Argentina, dois da Colômbia, uma de Cuba, um de El Salvador, um do Equador, cinco da Espanha, um da Guatemala, um do México, três de Moçambique, dois do Uruguai e um da Venezuela. De forma quase unânime, o que interessa para este texto, os jornalistas que participaram da pesquisa entendem que é fundamental o papel dos cursos de Jornalismo para formação profissional do Jornalista Ambiental. No entanto, as noções do Jornalismo Ambiental ainda não estão bem compreendidas. Muitos profissionais trabalham com o que o grupo de pesquisa denomina Jornalismo sobre/de meio ambiente.

O engajamento

O Jornalismo exerce um papel social fundamental na informação e formação do cidadão, disponibilizando a este ferramentas para atuar na defesa de seus interesses e também dos interesses da sociedade. Nesses tempos tão conturbados, em que a ameaça de danos ao meio ambiente é constante, o Jornalismo Ambiental é necessário para imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas suas dimensões. Isso exige engajamento e espírito investigativo para saber utilizar os métodos do próprio Jornalismo na intenção de desvendar processos que encobrem interesses prejudiciais ao meio ambiente e à saúde de todos. Assim, retomamos a importância da formação nos Cursos de Jornalismo, que deveriam preparar os futuros profissionais para lidar com os grandes problemas da sociedade. A questão ambiental, cada vez mais premente devido aos conflitos atuais, não deve ser ignorada.

EXERCÍCIOS

1. Um exercício interessante para o primeiro dia de aula consiste em disponibilizar aos estudantes jornais e revistas e pedir que leiam e localizem matérias sobre meio ambiente, identificando tema, argumento, contextualização e vozes acionadas pelo jornalista.
2. Escolher um rio, lago ou mar próximo a todo o grupo de estudantes e fazer um estudo sobre sua história, relação com a comunidade, navegação e problemas de poluição. Pedir para os alunos pesquisarem matérias sobre os assuntos relativos encontrados para verificar se tais textos incorporam a visão sistêmica.
3. Assistir com os estudantes *Nas cinzas da floresta*, episódio dois da série *A década da destruição*, filme de Adrian Cowell e Vicente Rios¹. Após, fazer uma atividade de reflexão acerca das causas e consequências do processo de colonização/destruição da Amazônia, relacionando-o ao processo de modernização da agricultura e sua conexão com a política econômica internacional.
4. Solicitar que os estudantes leiam a obra *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, para realizar uma discussão em sala de aula. No dia da discussão, o(a) professor(a) deverá levar informações sobre o uso de agrotóxicos no Brasil e sua relação com o surgimento de doenças desde o início do processo de modernização da agricultura até os dias atuais. Os estudantes, por sua vez, deverão levar para a discussão documentários referentes ao tema. Poderão ser documentários apresentando dados negativos como também os considerados positivos. A partir desse exercício, efetuar a análise de reportagens sobre os agrotóxicos para verificar a presença dos requisitos necessários para uma boa cobertura ambiental.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=turc8HXIN4c>>.

RECOMENDAÇÕES

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, Sergio (Org.). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2006. p. 15.

BELMONTE, Roberto Villar. História do jornalismo ambiental brasileiro. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia. 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ALCAR, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/100-encontro-2015/gt-historia-do-jornalismo/historia-do-jornalismo-ambiental-brasileiro/view.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges Toni. Orgs. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. p. 105-118.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2013.

FROME, Michael. **Green Ink: uma introdução ao Jornalismo Ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GARCIA, Ricardo. **Sobre a terra: um guia para quem lê e escreve sobre ambiente**. Lisboa: Público, 2006.

GIRARDI, Ilza *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, p. 132-152. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de. **Ecos do Planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges Toni. (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REFERÊNCIAS

BACCHETTA, Victor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor (Org.). **Ciudadanía planetaria**. Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p. 18-21.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

HOBPELLING, Henk. **Biotecnologia**: muito além da Revolução Verde – desafio ou desastre. Porto Alegre: AGE, 1990.

LAYRARGUES, Phillipe Pomer. **A Cortina de Fumaça**: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica. São Paulo: Annablume, 1998.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar; KERNS, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do Humano**: ecologia e espiritualidade. São Paulo: Loyola, 1991.